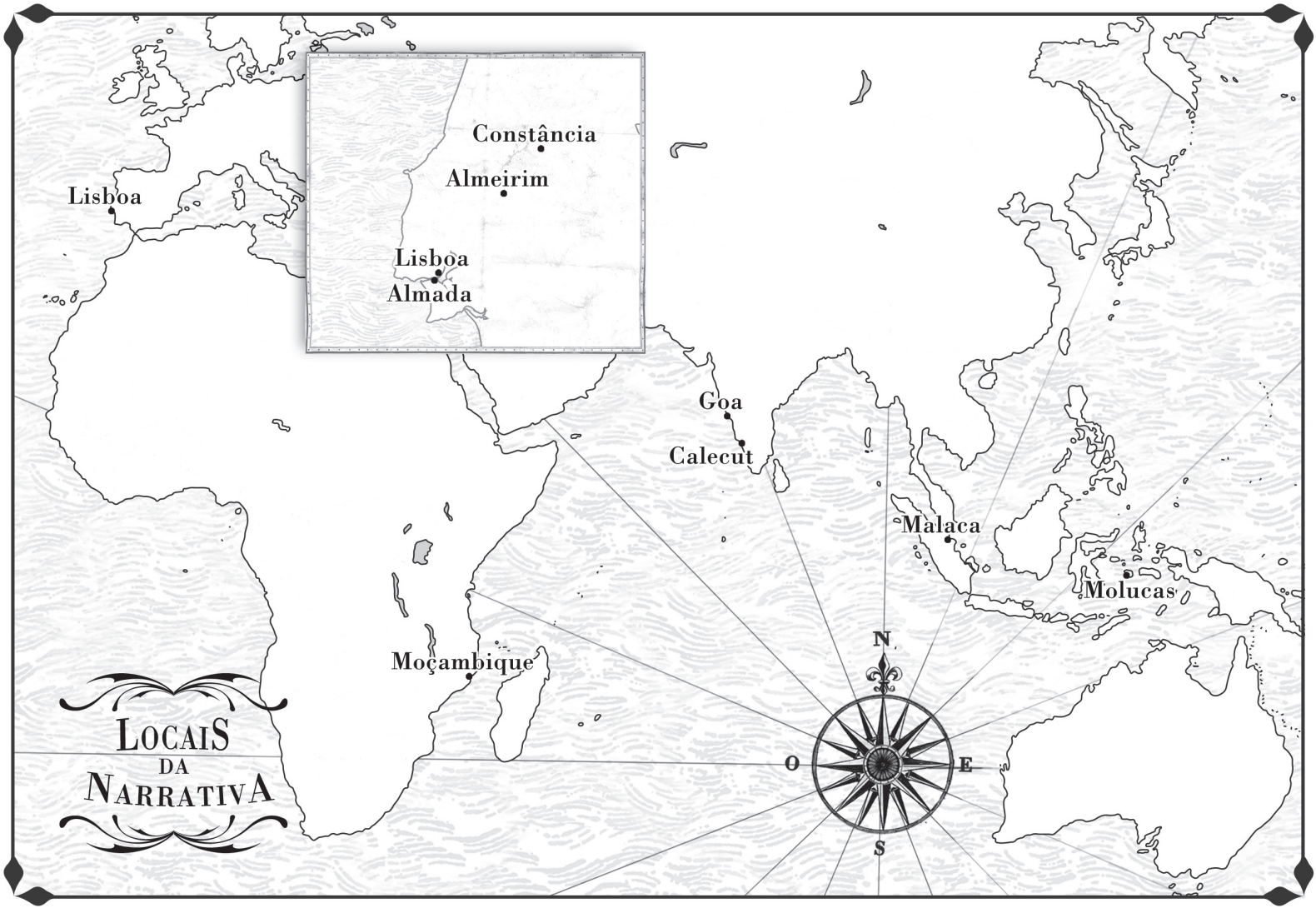
a musa de camões

maria helena ventura

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



Locais da Narrativa

PARTE PRIMEIRA:

HORA ZERO

A

PONTO DE PARTIDA

"Quão mal está no caso quem cuida
que a mudança de lugar muda a dor do sentimento!"

Chamam-me ao patamar inferior, onde as nuvens misturam com o branco tons de cinza-azulado. No transparente rosto do guardião vincado por linhas oscilantes, adivinho urgência, e um leve estremecimento que me lembra outros tempos sacode-me o corpo

'Terás de voltar lá abaixo, diz-me sem mais demoras, de costas voltadas, enquanto ajeita as pontas de gaze das paredes moventes

'Lá abaixo, aonde estou a pensar, irmão?

'Exactamente aí. Estivemos a ver o teu caso. Há muito que devias ter subido para o plano definitivo, onde a natureza no estado mais puro te espera. Mas essa angústia que carregas, vinda de tão longe, ainda não se dissipou por inteiro. Faz por voltar definitivamente, desata os laços que te ligam à matéria

'Julguei que só a memória da minha dedicação me ligava àqueles dias

'Superou-a uma onda de revolta, misturada com desejos de vingança que não conseguiste controlar. Envenenou-te até ao último momento, maculou registos que trouxeste como bagagem. Não precisas viver compartimentado em ressentimento, como outros irmãos nas mesmas condições

'Vou encontrar alguém…alguém que me agrade encontrar?

'Provavelmente…

'Quando devo partir?

'Agora

Nesse momento encara-me, os longos cabelos brancos em movimentos de arbusto sob farrapos de nuvens. Tal qual um nevoeiro denso, ocultam-lhe a expressão, mas pelos espaços mais ralos adivinho-lhe um sorriso doce,

solidário com a minha obrigação de cumprir o que me incumbe. Bate na parede mais sólida, da consistência do gelo, à nossa frente. Quando ela se abre, devagar, deixa a descoberto a nitidez de um buraco escuro, onde deslizam tendões gelatinosos em movimentos de fios de marionetas. Uns segundos depois e o cubo que amparam, aberto de um dos lados, aterra ao nível em que nos encontramos para me transportar.

É o tempo de entrar e acenar a nostalgia. À medida que desço, peso mais, eu ou a consciente lembrança da forma como parti. Nunca os anos apagam sentimentos muito fortes. Uma vez armazenados na memória, passam a fazer parte irremediável do código genético. Volto agora sem bagagem, sem armas, mas que diferença faz se consegui viver sem armas quase quarenta anos?…

Não devia estar aqui, confundido com destroços de cadáveres adiados na monumentalidade do universo. E contudo simulam vida entre o frenesim de carros estranhos. Que aconteceu às pessoas, em nada semelhantes às que conheci, estas quase sonâmbulas num deambular desencantado, as outras em inequívocas manifestações ora de profunda alegria ora de imensa tristeza? Só a fresquidão da aragem, ligeiramente mais densa, tem o cheiro bom antigo, como familiar me soa a conversa das gaivotas vindas dos lados do Tejo.

Fizeste uma escala mais à frente. Este tempo não é o que procuras. A voz que mo segreda não pertence a nenhuma boca dos corpos que passam por mim, a correr. *Perto do cais, mais acima…perto do cais*. Não sendo a minha vontade, é uma ordem vinda de longe, cá dentro, tão convincente que os passos lhe obedecem, aproximando-me do lugar de embarque e desembarque de mercadorias. Está vivo nos caminhos da memória, no desejo de alcançar alguma coisa que ainda não consigo formular, enquanto esbarro em sombras indefinidas. Ou então é a minha indefinição que não deixa completar-lhes os contornos na fracção de tempo em que se cruzam comigo.

De vez em quando vislumbro um raio de sol fugidio nos olhos de um desses passantes, códigos novos carregados de sentido velho que se se oferecerem à descodificação, quase imploram o desabafo. Mas outra coisa demanda a minha atenção, mobiliza o motor de busca que guardei intacto este tempo todo: a circunstância inesperada de um regresso muito tempo desejado para rever aquela de quem toda a vida fui humilde servo.

Queria tanto voltar, um repente que fosse. Precisava ainda ouvir-lhe uma vez o deslizar dos passos no chão de alfombras da Flandres, da Turquia

e da Pérsia para a minha alma descansar em paz. E mesmo que já descansasse, daria o meu lugar num trono de nuvens para reencontrar o brilho daquele olhar doce, muito de espaço concedido, o sorriso amplo a iluminar as manhãs na biblioteca, as tardes na sala de bordados, em atitudes serenas. Seria suprema honra, e de tanto a desejar aqui estou, para registar melhor a sua passagem pela vida, uma experiência já esboçada em três folhas amarelas que guardo num bolso desenhado nas vestes.

Fico cansado, de repente, com vontade de sentar-me no paredão à beira-rio. Menos barcos do que naquele tempo, alguns parados muito maiores, como se fossem moradias, e depois outros de menor tamanho, mais garridos, que levam e trazem gente em movimentos de fácil imitação. A pressa faz parte da bagagem que invariavelmente seguram. Não há remos, há ruído de motores no rio castigado por descargas poluentes, misturadas com o suor de gerações de naturais, com as lágrimas de carregamentos constantes de escravos negros e mouros.

Aprende-se vivendo, dizem-me os rumores da aragem, n*ão te esqueças de ler pausadamente o que um dia escreveste para comparar com o que vais viver.* É como se fosse instado a cumprir uma missão e nada mais restasse senão obedecer a ordens superiores. Mas se só posso descobrir vivendo, comparando, o que mais me resta fazer? Ligeiro dou alguns passos no caminho liso, vestido de uma estranha capa negra. Avisto lá ao fundo um cais de embarque, minutos depois uma gare, outro cais ligeiramente mais longe…E um banco providencial diante dos barcos, o Tejo ali a dois passos.

Sento-me para coordenar ideias, na esperança de chegar ao lugar e tempo que procuro, alheio ao movimento e aos ruídos ensurdecedores. Alguém se senta a meu lado a tentar puxar conversa, aspecto feio, cheiro mau. Traz-me velhas lembranças de miséria, sempre igual, o desejo de altear os muros do silêncio em meu redor. Virado para dentro de um tempo pintado com as minhas impressões, que só a mim pertence, aproximo uma das mãos do bolso. Vou enterrando mais, um pouco mais. Sinto a textura do papel enrugado, quase as nervuras da tinta, quase a cor dos sentimentos que impeliram as palavras. Leio comovidamente o que um dia escrevi e, lendo agora, revivo os tempos, revejo as pessoas, com esperança de apaziguar a angústia que não consegui despir até hoje.

"*Aquele mover de olhos excelente*"

Tem estado muito próxima de D. Guiomar Enriquez nos últimos anos, depois de terem partido os familiares mais chegados, as damas da sua geração:

Guzmán, Blasfeldt, irmãs Sigea, Paula Vicente e até D. Francisca de Aragão, para se juntar ao esposo.

Poucas vezes laços familiares tecem tanta empatia como a que a liga a D. Guiomar, neta da antiga aia da mãe, Joana de Blasfeldt, depois camareira-mor no seu próprio paço. Quando a rainha D. Leonor é forçada a aceitar um segundo casamento com o rei de França — imposições do mapa político europeu, ambições do irmão, imperador Carlos V —, tem de deixar a filha de dois anos à guarda da aia fiel. Ela cuida da menina, escondidas as próprias lágrimas no fundo do olhar desfeito.

Ainda de joelhos no banco de pedra, à janela, muito depois de ver a mãe partir, os olhos da pequena Infanta seguem as imagens guardadas no coração, tão pequenino como a palma da mão fechada, para agarrar na tarde ocre o esboço do rosto querido, o ruído dos cascos dos cavalos. Nas noites seguintes custa o sono a pegá-la. Dá voltas e voltas no leito, com a saudade a roer…

Onde está a senhora minha mãe? Quero uma história…

Joana compensa-a do carinho maternal, conta-lhe histórias de conforto, ensina boas maneiras, promete que Sua Alteza há-de voltar em breve para abraçá-la com força e contar-lhe outras histórias mais lindas. Só deixa o quarto quando a vê adormecer enrolada sobre si mesma, com a impressão do calor materno nas mãos invisíveis que lhe aconchegam as mantas. Quando o barulho das carruagens, dos carregadores, começa a diluir-se no rumor do Tejo, já as cores e os sons tomam assento na memória da Infanta, desde então amargurada.

Os monarcas estão lá, ocupados com a prole debilitada e os conflitos de estado. Jamais descuidam aparências nas recepções a embaixadores europeus, nos escassos serões que dão pálida continuidade à tradição, embora esqueçam o afecto na tábua das matérias que lhe dão a aprender. Diante desses representantes de outras cortes, vestem enlevo sobejo para acompanhar as palavras dizendo-se pais adoptivos, porém do mesmo modo extremosos… *Mas o tempo e as circunstâncias hão-de ditar a medida do afecto.*

Aqueles a quem a Infanta merece um reverente carinho como a última filha do Venturoso sabem que Suas Altezas só preservam o próprio interesse, uma atenção devida a qualquer membro da família real com direito a chorudo dote. Dão-lhe o conforto material equivalente ao que a sua fortuna pessoal demanda, depois da melhor educação dispensada a toda a descendência. Na linha de Isabel a Católica, que aprendeu latim já em idade avançada, na corte da neta, a rainha D. Catarina, não se enjeita a abertura do conhecimento às mulheres. E à medida que vai crescendo, a Infanta justifica o acerto da decisão:

distingue-se de todos os membros da família real no desejo de saber sempre mais.

Todos lhe notam eloquência, elegância na conversação, uma simpatia temperada de sobriedade onde logo se descobrem as mais altas virtudes, até para reinar. Porém, sendo tão dotada, um dos melhores partidos da Europa, permanece dependente de uma decisão de El Rei, seu irmão, para casar, uma decisão que tarda demasiado…E lamentam-na, em surdina, numa onda de cuidado cauteloso, quando aparece resplandecente nos palanques onde tem assento a família real.

No calmo e pouco ledo percurso de vida que a sorte lhe reserva, cabe uma imensa riqueza por parte do pai e da mãe, riqueza de que só pode dispor uma ínfima parte para se rodear de todo o conforto na moradia privada. Cabem desencontros nupciais premeditados, expectativas de uniões repetidamente frustradas com herdeiros de tronos ambicionados. Os casamentos convenientes são sugeridos, começam a ser negociados, mas desfazem-se no último momento mercê de conspirações pouco abonatórias para os que lhe são próximos por laços de sangue.

A El Rei pouco importa a felicidade da Senhora Infanta, quando é preciso privilegiar interesses da coroa financeiramente debilitada. A tia, e ao mesmo tempo cunhada, adepta dos rigores da Inquisição para agradar a Castela, repele todas as manifestações mundanas, até os frescos madrigais dos jovens fidalgos por lhe lembrarem as canções dos pastores, os cantos provençais. Nem os aspectos mais expressivos da cultura humanista se dispõe a tolerar, na sua austeridade, ela que tão bem tolera o triste espectáculo dos autos-de-fé…

Sua Senhoria nunca confia a ninguém tais desabafos, mas todos sabem que só lhe resta dedicar-se ao convívio com as antigas mestras, suas damas, companheiras de letras. Na correspondência que mantém com a mãe, com cabeças coroadas de toda a Europa, na discussão com as moradoras do paço e admiradores intelectuais, vai buscar o alento que a mantém viva. De mais ninguém pode esperar ideias tão conformes às suas, desfeitas agora as esperanças num porvir mais ledo.

Um alento para ela, poder contar com suas damas, um privilégio para todos os moradores amenizarem-lhe a longa espera, depois o conformado exílio. D. Guiomar vem-lhe merecendo nos últimos anos maior aproximação, tantas as mortes que a doença, as empresas do Brasil e mais ainda de África e do Oriente vêm causando ao seu círculo cultural. Poucos são os amigos mais chegados, mas não me posso queixar, na minha grande humildade: a Senhora Infanta levantou-me do chão e eu vivo enquanto puder servi-la.

Na presença dos estranhos é a princesa de contidos gestos, frases breves.

Com aqueles com quem priva, despe os disfarces da distância altiva requerida a uma filha e irmã de reis. Permite-se sorrir, fazer uma zombaria, acolher um dito jocoso sem perder a elegância requintada e sem destapar o véu da alma. Todo o comedimento lhe acode se a ele fizer apelo, evitando descobrir o núcleo mais sensível dos sentimentos. Porém, sabemos-lhe o triunfo da brandura e da compreensão, o lastro impecavelmente limpo dos horizontes abertos por tantos conhecimentos.

D. Guiomar tem todas as virtudes para lhe merecer confiança. Não chegara ser neta da dama que a criou, é ainda senhora de muito cabedal, força de carácter, brandura nas acções. Herança da mãe, D. Maria Guzmán, e do sangue nobre do pai, D. Francisco Coutinho, conde de Redondo. Na Índia foi ele que ajudou aquele que Sua Senhoria tanto lembra, quando por lá se encontraram, um como vice-rei, o outro como poeta pobre perseguido pela má sina.

D. Francisco não cedeu à tentação dos corruptos, abriu caminho para seguirem para o reino cargas de especiarias mais compostas. Não permitiu que a injustiça vingasse. Procurou que os processos formulassem melhor a culpa, tirou Camões da prisão, em Goa, deu-lhe esperança de vida num trabalho temporário. Procurou ainda contrariar a tendência de boatos falsos que chegavam ao reino, alguns sustento de acusações de gente condenada pela Inquisição. O paço recebia então novas frescas por D. Maria Guzmán até 1564, ano em que D. Francisco Coutinho deixava o mundo dos vivos.

D. Guiomar guarda os escritos do pai. Quando dois anos depois ingressa ao serviço da Infanta, troca com ela íntimas impressões sobre as andanças do poeta por lá, episódios da vida amorosa que levava em Lisboa, antes de partir. Ainda mantém em seu poder umas voltas a um mote que ele dedicara a sua tia, D. Guiomar de Blasfeldt, quando uma vela lhe queimou o rosto. Tem por Sua Senhoria a reverente amizade de uma irmã mais nova que recebe dela os melhores ensinamentos da vida e ainda lhe atende as últimas vontades.

B

REVISITAR A DOR

"Está-se a primavera trasladando"

Estou a sobrevoar um retalho de terra num voo inusitado de reconhecimento. Sem me ter dado conta, saí do lugar para rodar o espaço da orla marítima, de norte a sul do país, depois de recordações que teimam parar num ponto definido, nem sei bem porquê.

Não devia ter voltado, assim incapaz de controlar os próprios movimentos, sem projecto de vida, sem ferramentas para me adaptar às circunstâncias. Mas como poderia recusar? Neste estado incerto a única certeza é a de ser apenas um filamento de energia a habitar o cosmos, um desejo aceso de rasurar velhos registos e reescrever, no seu lugar, poéticas imagens. Nesses palimpsestos quero levantar, agora livre de cuidados maiores, a memória daquela que os arranjos do poder mataram antes de a morte chegar, e depois, sim, partir em paz. *Os cuidados nunca deixam de existir*, diz-me ainda a mesma voz desassossegada…*nunca deixam de existir…*

Vagueio por lugares familiares que avistava da carruagem, quando a corte saía de Lisboa, menos mudados que os olhos que os revêem. Ainda dançam sombras esguias sob as costas dos vinhedos ajeitados aos socalcos, outras sombras mais densas nas matas aprazíveis de soutos aonde descansávamos para merendar. Igual alternância de luz e sombra nos fragmentos cristalinas dos riachos, onde os salgueiros brincam com o sol, depois no mar onde as gaivotas se afastam cada vez mais para poderem desenhar em paz suas amplas elipses.

Escorrego pelos patamares da existência até às linhas de estaleiros buliçosos, sobrepostas ao fantasma das casas velhas. Atravesso cortinas brancas,

dançantes, que ocultam a austeridade das salas trancadas dos palácios de Santa Clara e Enxobregas. Onde se acumula o pó dos armários e bufetes, das estantes carregadas de livros acabados de imprimir, dos contadores com embutidos de marfim? Onde repousam as estatuetas de ébano, as cadeiras de couro com tachas reluzentes que eu polia com a manga, até ficar corado de prazer? Os paços eram o paraíso quando o perfume da Infanta pairava nos corredores e as paredes repetiam o eco de seus passos. Agora são recantos perdidos na ausência. Retirados do enclave das emotivas lembranças, nada mais são que lugar nenhum.

Chego, por fim, em oscilações da aragem, com percepções ainda difusas das imagens mentais de há pouco. Cheiro maresia enquanto abro os olhos e registo a amplitude exterior, ausculto a pulsação de momentos que o tempo não consegue apagar. Em vez da rasura o traço intenso. Medito, ouço, alcanço. Se vejo e respiro, seja lá como for, o ar de todos os tempos, é porque da passagem transitória de uma vida deve ficar a poalha luminosa que se estende até ao infinito e aconchega a nuvem protectora da memória colectiva. Sou um cisco dessa extensível memória, à procura de um registo inequívoco para fugir à efemeridade.

Revisito espaços da infância, apreendo cheiros. Por vontade dessa entidade superior que se afirma a partir de mim, gostaria de vestir a pele de uma pessoa qualquer sem assumir a identidade de ninguém reconhecível. Porém, começo a identificar-me com aquela personagem que fazia rir, quando aparecia sorrateira nos salões, no rosto a expressão de alguém que apetecia arremedar. Ignorado pela maioria dos estranhos, quase todos os conhecidos me estimavam, uma estima decerto reforçada pelo respeito que infundia a protecção da Senhora Infanta, por isso me limitando a existir só para ela.

Só, não foi bem o que aconteceu, até certa altura. À nossa volta havia um mundo, um infantado como eu dizia. Ainda que reduzido, impunha repartir atenções a que nem sempre me furtei. E só agora, quando me são abertas as portas do exílio, lamento não ter-lhe dedicado cada fracção do meu tempo.

Sou eu, aqui parado na praia cinzenta, no chão onde me criei. Pela mão de minha mãe espiava o paço onde meu pai tinha entrada, à espera do som da carruagem que havia de trazer, nos mesmos dias, *o fidalgo*, como ela dizia… Tão viva a distância dele, o calor do carinho dela. Quatro séculos e meio depois de ter provado a primeira golfada de ar puro, começo de novo a respirar como qualquer mortal por muito tempo arredado dos casais habitados.

Estou em frente ao mosteiro de São Bento, no abrigo da enseada, intenso o cheiro da maresia como nas antigas manhãs de neblina. As gaivotas, netas das mascateiras que baptizei da sacada, repetem voos rasantes aos

barcos indolentes, ao pescador mais idoso que continua a dormitar dentro do seu *Destino*. Merece agora a paz dos guerreiros depois de ter bebido na fonte da *Samaritana*, ganho o dia antes de o sol raiar em lentas coreografias arrancadas ao silêncio.

Por entre a inocência matinal dos gestos uma ave negra pia, no fundo da minha alma, o que resta desse marco conceptual. Em lugar de pombas brancas com ramos floridos no bico, traz uma dor distante embrulhada no luto ainda por vencer. E com ela soam vozes conhecidas, vozes que ligam o meu sangue a outro sangue, aos gestos de alguém que me segura a mão

'É este o meu filho…Levai-o por mim até lá, quando for em tempo. Ela há-de protegê-lo…

'E a mãe, como aceita ver-se apartada da criança?

'Hei medo que faleça, mas entende minhas razões…

Procuro a raiz desta angústia, enquanto a espuma se rompe em arremessos, à praia, aos meus pés descalços. Nessa procura chego à porta de memórias, nada mais que desdobradas à pressa, neste momento, como páginas amarelas de um livro antigo. À minha frente, para a direita, espraiam-se as hortas, pomares, olivais, matas densas. Para a esquerda o paço de Enxobregas, uma janela ainda semiaberta entre a folhagem frondosa. Foi lá que vivi os últimos anos da mocidade sem sobressaltos maiores, não fora adivinhar, mais tarde, o tempo hipotecado à morte sem idade.

Sempre se afirma como vencedora, vestida de tons sépia, depois do colorido vivo das estações. Em nome de quem acena a cada um de nós, sem desfalecer nesse labor? Não são os dias de sol e de esperança no coração de Sua Senhoria que dançam agora, em frente dos meus olhos. São os últimos momentos, a dor do Outono em que ela veio, a morte, num frio de passos inaudíveis. Levou quase tudo o que importava, mas podendo até impor a predominância do seu manto, jamais conseguirá carregar com ela olhares, vozes, gestos, ecos melodiosos das gargalhadas das damas na sala de lavores, memórias com o aroma de todas as Primaveras, antes da viagem sem regresso até ao infinito, onde se cruzam todos os caminhos e se quedam os destinos de gerações que absorvem milénios.

Acabo de entrar no palácio, cada passada um ano de vida, depois de atravessar nebulosas incontáveis, paredes, móveis, espaços, embrulhado em recordações cada vez mais nítidas. Porque me pedirá a íntima voz que vista o pó dos ossos, as roupas de certa personagem colada à identidade? E qual será a amplitude da minha verdadeira identidade fora do contexto em que foi criada?

O relógio biológico pede lágrimas, reclama a faculdade de invocar força para empurrar esta porta espessa. Sou eu, de novo, nas minhas roupas coloridas de bobo. Sou eu a suscitar o ruído dos gonzos, o olhar surpreendido de D. Guiomar, sou eu quem escuta a respiração penosa da minha princesa com as mãos cruzadas no peito. '*Schue…ela dorme…* Em vez da limpidez intacta dos seus olhos, gotas de chuva que espelhavam a informação do céu lavado, as pálpebras estão cerradas como janelas a fecharem-se, mas não dorme, como diz a camareira, deve transferir para o céu os arquivos mais importantes das experiências vividas.

Enquanto sela na alma gavetas pesadas sem ruído de ressentimento, vai abrindo outras, nunca profanadas, para guardar a última página do colorido das hortas, a mancha mais distante das oliveiras cinzentas, até o odor dos pomares do lado de lá dos muros. *Faltam algumas horas…apenas algumas horas*…diz-me a voz, deixando-me os gestos suspensos como se me destacasse de uma iluminura em livro manuscrito. Mas finalmente estico as extremidades dos dedos até à impressão de um ribeiro a correr pelas faces…

Choro de saudade, afagos antigos a fundirem-se com este aperto no peito. Virado para a janela, aspiro o perfume suave que empurra discretamente os reposteiros. Estou consciente de que me foi dado um privilégio, não um castigo, mas se choro, ainda, é por ser a dor o ponto de partida, uma dor amenizada pelo canto das rolas, num de longe arrulhar de seda. Também D. Guiomar se esforça por conter as lágrimas, incapaz de abandonar a beira do leito onde espia a respiração pausada da Infanta, talvez à procura de um sentido para a morte. Sentido, esse temerário sopro que empurra cada vez mais pormenores dos esconderijos do tempo não cronometrado.

Com medo de reviver os derradeiros instantes, vou até lá fora, ao banco do jardim onde ela se sentava nos últimos anos, para supostamente ouvir o cantar dos pássaros mais de perto. Sozinha, para não lhe adivinharmos a tristeza. Pois que canto de pássaros é preciso ouvir de perto se, estando nós felizes, eles conseguem cantar dentro do peito? Há muito tempo que nem música, nem escrita, nem leituras lhe amenizavam a solidão. O reino vinha de mal a pior, não dava mostras de se levantar. A morte de gente querida sucedia-se. Antes de chorados uns, já pediam lágrimas os outros. O amor fora-lhe sempre negado.

Não tem sido calma a vida, nem nos arrabaldes da cidade, ainda a recompor-se de soluços vários. A razia da peste grande em 1569, o temporal de 72 que destruiu no Tejo a onerosa armada contra os turcos, o rigoroso Inverno desse mesmo ano que faz gelar o rio, interromper o tráfego dos barcos. E depois as cheias no ano seguinte, as inundações desastrosas de Lisboa.

A pobreza decorrente de tanta calamidade desdobra-se em extorsões e violência, e o cheiro dos cadáveres recolhidos ao toque fúnebre das sinetas ainda é lembrado pelas famílias enlutadas, cada qual acudindo à própria dor.

Por tanta devastação desde o terramoto de 1531, mereciam as almas atormentadas um espaço de tempo dilatado para sarar mágoas, não o resto do século assombrado por novos pesadelos. Dias rigorosos sob o manto do infortúnio, ainda por desdobrar, pairam à volta das colinas do maior empório comercial da Europa, quando um cometa estranho anuncia, dizem as gentes, a morte repetida num cósmico concerto.

Mas poucos sabem do que falam. Tirando os moradores dos paços, os condutores dos bergantins reais, uma ou outra mulher dada às adivinhações, ninguém conhece o alcance das notícias esparsas sobre o estado de saúde da *Infanta*, *sempre noiva, menina em cabelo*. Por razões de puro afecto, recusam-se aceitar o adeus definitivo ou a ler fios desencontrados de notícias como cabelos soltos a um vento de agreste indecisão. O povo mal pressente a morte a insinuar-se no espigado das ondas, tão envolto num medo de ignorância feito e mortes repetidas. Por castigo divino? É o que se diz.

Volto para dentro. Sento-me na antecâmara vazia onde ela costumava trabalhar. Só os livros continuam acordados, indiferentes aos estados da alma, ao avanço do tempo, às investidas da morte que, como a conformação inevitável dos que sobrevivem, é parte integrante da vida. Também Sua Senhoria já se conformou, assinando a desistência. Partiram quase todos os que amava, um dia tinha de chegar a sua vez, como tantas vezes sugeriu quando se falava deles. Sente que não vai respirar mais manhãs de bruma nem tomar o sol manso do entardecer. Tão-pouco colherá o orvalho das palavras à cordata luz da vela, quando o mordomo e a camareira-mor cochicharem despedidas nocturnas em cúmplice desassossego.

Antes de recolher definitivamente ao leito, pediu a D. Guiomar que reunisse, com a minha ajuda, as cartas íntimas, as rimas que lhe eram dedicadas, e o retrato *dele*. Veio às escondidas do solar de D. Fernão de Álvares, na Anunciada, embrulhado em panais brancos para não ser notado. Fizemos dois pequenos montes com os escritos, unimos um com uma fita amarela, outro com fita carmim e pusemo-los no leito, ao alcance dos dedos esguios. Hão-de acordar a chuva nos olhos de quem fica, para lavar a saudade dos que vão partindo.

Ouço vozes sumidas. Posso jurar que são dela, mesmo sem confirmar com o ouvido encostado à parede. Devem ser os derradeiros minutos, tão mais intensos pela consciência do fim, antes de atravessar o labirinto da morte. Já recebeu de manhã a extrema unção, já ditou as últimas disposições perante

damas e funcionários da corte. Num esforço maior absorveu a neptúnica aragem de Outono, o aroma de campo que tantas gerações de homens semearam sob o espírito azougado de Pã. O que mais lhe há-de ocorrer agora, no limite das forças, decerto invocando a dignidade que manteve em vida?

Levanto-me, empurro ligeiramente a porta da câmara e espreito do umbral por uma frincha. D. Guiomar passa-lhe no rosto um lenço de renda molhado. *Tão viçosa como sempre*, teria dito outra vez o velho André de Resende se pudesse afastar, pela alquimia da ternura, os reposteiros da janela. Balbucia, de novo, na escusa claridade da tarde. Depois, em alento estranhamente redobrado, desfolha palavras claras num último diálogo com a sua dama.

'Valeu a pena a sutil bonança sob muitas tempestades, D. Guiomar. Pouco se me dá que venham a saber do coração da Infanta liado ao coração de alguém. Só não quero que vejam escritas, por seu punho, as rimas que me dedicou. Cobri meu corpo com elas. Quero ouvir esses pedaços de frauta do outro lado da vida

'Decerto, Senhora, mas não quereis falar-lhe ainda uma vez? Contou à viúva do Siqueira uma mulher de pote, que abastece no poço dos Linhares, que o viram chorar perto da Ribeira, aqui em Enxobregas, para apurar como vai passando Vossa Senhoria

'Não quero que guarde a imagem de uma dama sem valia, incapaz de restaurar-se da moléstia. E depois, que sei eu de seus afectos desde que aportou ao reino?

'Os desgostos não o transformaram assim tanto, não lhe diminuíram o engenho para as cousas do coração, é o que dizem…

'Talvez…Mas tantas têm sido as razões de seus cuidados que me não deixa a razão lembrar, sem grande trabalho, aquele de quem me despedi em segredo, antes de partir para o Ribatejo, depois para o Oriente…

'Tem de agradar a tanta gente, Senhora Infanta…Vive de fazer elegias a quem lho pede e não sabe como reclamar o que é dele e outros lhe têm perfilhado à força. Mas sei que em vós se faz presente e só vos dá contentamento…

'Não creio que o mesmo lhe suceda…Por certo quando estava lá longe, só por muito o aborrecer a minha lembrança lhe vinham à ideia bons momentos. E depois que viemos de Almeirim, nós e Bastião da Silva, de propósito para o ver chegar, convenço-me que dar pela minha presença só o atormentou

'Se mágoa ou dor sentiu, seria branda. Nunca ouvireis ninguém tal confirmar, Senhora…Ao contrário: já o vistes por duas vezes rondar…

'Aquele corpo curvado a pisar a pátria na Ribeira das Naus, o olhar

arredado do lugar onde pousava, a gotejar ressentimento…Queria e não queria estar ali. Imprimiu tanto em mim, esse momento, que nunca mais me atrevi a dar guarida a nenhum sentimento forte

'A cidade estava deserta por causa da razia da peste. Como podia ele imaginar que Vossa Senhoria estava entre os sobreviventes de Lisboa, ainda que ao abrigo de uma carruagem? Não vos reconheceu, é bem de ver

'Não se pode viver sem verdade, D. Guiomar. Não era uma carruagem qualquer. Tendes por ele tal carinho que ousais crer mais no que seria melhor do que naquilo que vossos olhos viram?…

'Quero-lhe muito bem, sim, desde o tempo em que soía mandar-vos rimas. Ainda guardo as voltas ao mote dedicado a minha tia, já então uma prova de seu engenho para estar mais perto de vós, Senhora Infanta. Só por saber que as havíeis de ler, lhas dedicava

Amor, que a todos ofende
Teve, Senhora, por gosto
Que sentisse vosso rosto
O que nas almas acende.
……

*'Foi o vazio, ponderado muitas noites, depois daqueles momentos mágicos e a um tempo tão desacordados. Como ele dizia "*acabado de alcançar, acabado de esquecer*" e "*maior a saudade que deixa do que é o contentamento que deu*"*

'Mas houve um bem-querer sem tamanho…

'Teriam sido as minhas forçadas esquivanças a despertar-lho…mas depois de a imposta distância destruir a leveza do nosso olhar sobre as pessoas, impossível reinventar o sentimento antigo

*'Tanto sofreu nas andanças por lá, depois na viagem de volta que endureceu o coração. Como podia arriscar outros degredos mostrando-se encantado, de novo? "*Que de dar um só passo tenho medo*", viria ele a dizer*

'Decerto o assaltaram velhos temores. Ao soldado Perestrelo ouviram histórias dos desgostos que sentiu por lá, piores antes de vosso amado pai ali chegar. Mandei que lhe entregassem uns reais para o prover de algum sustento, tão certa estava do julgamento para apurar responsabilidades na perda da fazenda no naufrágio, em alto-mar. Ter-se-ia sentido agastado pela ajuda?

'Que ideia, Senhora, pois se tanto carecia dela. Não vos enfadeis a falar de males passados. Trazei antes à memória o contentamento das obras que fizestes. Quanta luz nos olhos de todas nós ao estimulardes as artes e as letras, quantos serões alegres…

'Tudo se finou, como eu…

'Ainda não…Usaremos da força para muito alcançar, de novo. Agora tentai repousar

'Achais que devo escusar-me a falar dele, D. Guiomar? Mas se ainda me leva o coração a procurar onde vive e como…Meus olhos fecham-se a segui-lo na calçada de Santana, acordo a vê-lo na Mouraria…

'Vive na mesma casa, em Santana, amparado à muleta lá vai ainda às aulas de Teologia no convento de S. Domingos

'Sempre ávido de conhecimento…Dizei-lhe em segredo, D. Guiomar, que o sentido de suas rimas foi minha maior ventura. Jurai por Deus que ides levar-lhe expressão da minha grande saudade…

'Juro, Senhora Infanta, que a saudade de ambos haverei de juntar. Mas só para ele tendes espaço em vosso coração?

'Não, claro, só não cabe em mim o último desabafo que a vida me consente. Sei como vive triste, só, talvez não por muito mais tempo

'Vossa Senhoria bem o diz. Agora que mais nada parece haver contra ele, só admiração pela obra publicada, dizem que é um morto-vivo a passear-se por aí, entre a pobreza e o desamor…

'Que ao menos fique a saber que não teve desamor. Levo também comigo a memória de vossa avó, de vossa mãe, de Bastião…de vós, ainda comigo nesta hora, de todas as damas que abriguei no paço…

'Procurai não falar muito, Senhora, para vosso bem…

'Preciso falar tudo, D. Guiomar. Não vos iludis, este é o fim. Temo por El Rei, meu sobrinho, de mal com os assuntos de estado, farto da nobreza que o rodeia. São muitos a dar conselhos, muito poucos a mostrarem os perigos com o rigor da amizade. Nem sei porque me vem à ideia o garbo dele na festa de touros de há dois anos, promovida pelo Senado para o reter em Lisboa

'Foi bonito de ver o encanto de Sua Alteza…

'E ainda a imagem do menino que era, há quinze anos, no paço da Ribeira. Na abertura solene das cortes sentava-se no trono, lembrais, com a franja rebelde. Já então seus olhos pareciam buscar, nas várias decisões contrárias, um rumo que ainda não encontrou para o destino da nação

'Sossegai, Alteza, vos peço para vosso bem…

'Alteza no final da vida?…Só a El Rei D. Sebastião é devido esse tratamento. Do que mais precisava para melhor reinar era do amor de mãe…Fazei-lhe constar que sempre o amei como a um filho…

'Farei como ordenais, Senhora. Tentai descansar, agora…

De repente consegue soerguer-se amparada pelo cotovelo e quase sentada no leito, ligeiramente de perfil, tenta segredar alguma coisa a D. Guiomar que lhe sustenta o corpo, inclinada sobre o seu lado direito

'Tratai com carinho e recato todos os manuscritos. Jurai que não ides esquecer…jurai…jurai…

Vai-se-lhe sumindo a voz à medida que repete o pedido angustiado. Ao ver-me de pé, em ânsias um pouco atrás, prolonga a súplica no meu olhar embaciado. Aceno que sim, quero dizer-lhe que se D. Guiomar não fizer o que promete por alguma razão alheia, hei-de vigiar os documentos autógrafos como se fossem meus, ou seus, o que ainda me infunde mais respeito. Aceno mais com a cabeça, os olhos muito abertos. Só então, aparentemente tranquila, deixa cair no leito o corpo magro, abandonadas as forças numa imobilidade premonitória.

Sei agora, sinto, que nunca mais poderei ouvi-la ordenar que me aquiete, para dar atenção às letrilhas dedilhadas pelas damas ou aos romances musicados por Valderrabano, no tanger minucioso de D. Ângela Sigea. Daqui em diante tudo se concentra nas coordenadas do seu corpo, neste presente tão intensamente vivo, ainda que à beira da morte. Mais perto do leito, ajoelho. Canto uma canção em voz pequena que ela gostava de ninar a Sua Alteza D. Sebastião, quando era menino. Sorri, imóvel como uma estátua de alabastro, a porta da respiração a fechar-se pela mão de anjos descalços, sem eu poder abaná-la como manda a minha vontade e pedir-lhe que me não deixe para trás. D. Guiomar vira-se para o jardim, esconde as lágrimas com o rosto colado ao reposteiro, quando a dor ameaça transbordar. O silêncio pesa.

Levanto-me, angustiado. Melhor retornar ao corredor, recuar tudo o que puder como se temesse enfrentar o inevitável momento. Lá fora ensaio passos à-toa no chão de pedra, de um extremo ao outro do corredor, passos abafados depois nos salões quando piso os tapetes do Oriente. Para ver se quebro a curiosidade dos intrusos, criados e aias que se abeiram a farejar o fim, saio-lhes ao caminho, faço saber que nada ainda mudou, que a Senhora Infanta continua a descansar serenamente. Depois volto aos movimentos alternados como o vaivém da charrua, à espera da notícia que não quero receber, mas pronto chega.

D. Guiomar vem acenar-me com os olhos muito inchados. Já a alma de Sua Senhoria segue viagem, ainda ela balbucia o cumprimento da ordem recebida há pouco, com a ilusão de o monólogo reacender um diálogo entre ambas. Só a memória pode prolongar agora os preciosos minutos que acaba de partilhar, mas peço-lhe que repare no rosto da Senhora Infanta, limpo de impurezas ou réstias de ressentimento. Sorri-me então, docemente, menos funda a dor que a verga, ainda que se debruce sobre o leito para garantir que não há um fio de respiração. Nem seria preciso. A palidez começa a acentuar-se no lusco-fusco do aposento e nessa altura, sim, D. Guiomar percebe

que o fim chegou antecedendo-se às previsões de todos, convencidos de durar a princesa até ao dia seguinte.

Ali está o maior tesouro de Sua Senhoria, sobre a colcha de seda com pavões bordados que vai ser trocada por outra colcha negra. Cartas de carinho da mãe, palavras de admiração de nobres europeus, respostas a cartas suas endereçadas a figuras reinantes. E atados com a fita de veludo carmim, mais preciosos que os outros testemunhos epistolares, estão aqueles manuscritos que sopram confissões como bocas acesas. São rimas, desabafos, madrigais que alguém lhe dedicou, que repetiu um dia em que um capricho inexplicável ateou uma chama de estranho afecto que nunca se desvaneceu. Por esse afecto recalcou parte do orgulho de princesa real. Lendo e dando a ler outros versos, não deixou que sobre estas rimas tecessem considerações. Transferiu-as para o Cancioneiro particular, guardado dos olhares curiosos, selado com o profundo silêncio.

Fixo-lhe a lisura da cútis enquanto a camareira lhe ajeita os cabelos na almofada. Parte da sua vida acaba de se finar com a vida da Infanta. E uma lágrima escorre para a folha amarela do primeiro manuscrito aberto sob a fita carmim. A tinta começa a espalhar-se, a diluir um amontoado de letras, avança para outro conjunto, toma conta de quase toda a redondilha donde emerge o acróstico Maria, agora submerso num minúsculo oceano…

Olhamo-nos, incrédulos, mais acordados para a realidade. Será um aviso? Sentimos que é urgente esconder os escritos, o património afectivo de Sua Senhoria, dos olhos que devem estar à espera do momento certo para a devassa. Juntamos os papéis num monte só que a dama enrola num lenço branco, e logo a seguir guarda num cofre pequenino de madeira. Depois fazemos a derradeira vénia à última filha de El Rei D. Manuel I e sua terceira esposa, D. Leonor de Áustria, a deixar a vida 56 anos depois de ter chegado, numa manhã radiosa de Junho.